

A FORMAÇÃO DO PSICOTERAPEUTA INICIANTE NO CONTEXTO DA CLÍNICA-ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

FRANCISCO FLÁVIO FIRMINO¹
ROSÂNGELA RODRIGUES SOARES²
ELIS SALES MUNIZ LIMA³

Resumo: Este estudo consta de um relato de experiência que teve como objetivo compreender, sob a ótica da Gestalt-terapia, a vivência e a formação do psicoterapeuta iniciante no contexto da clínica-escola. Além de confirmar que a psicoterapia é um processo que se sustenta sobretudo à luz da qualidade da relação desenvolvida entre terapeuta e cliente, a pesquisa revelou a importância, para o psicoterapeuta iniciante, da necessidade de acolher o cliente em sua totalidade; a relevância do entrelaçamento e indissociabilidade entre teoria e prática como pedras angulares para sua formação e a importância do trabalho de supervisão durante o percurso na clínica-escola.

Palavras-chave: *Psicoterapeuta iniciante. Clínica-escola. Gestalt-terapia. Formação. Supervisão.*

INTRODUÇÃO

Este estudo, que se deu na ocasião do Estágio Supervisionado Específico em Psicoterapia - Fenomenologia e Humanismo II, consta de um relato de experiência que teve como objetivo compreender, sob a ótica da Gestalt-terapia, a vivência e a formação do psicoterapeuta iniciante no contexto da clínica-escola da Faculdade Luciano Feijão – FLF.

As psicoterapias de base fenomenológicas, humanistas e existenciais, dentre elas, a Gestalt-terapia, buscam compreender o ser humano a partir de si mesmo, considerando suas angústias, sentimentos, motivações e sentidos que atribuem à sua existência. Nesse sentido, trazem, no cerne de sua filosofia, a concepção de um homem construtor de sua própria história dentro de suas possibilidades e nunca pré-determinado (MELO, 2015).

Com efeito, o psicoterapeuta que tem essas filosofias como suas bases teóricas, não atua na perspectiva da busca por explicações casuísticas para

¹ Graduado em Psicologia pela *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: psicologiaf3@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). E-mail: rosangela100love@hotmail.com

³ Docente do curso de Psicologia pela *Faculdade Luciano Feijão* (FLF). Mestre em saúde da família pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). E-mail: eliss_muniz@hotmail.com

compreender o comportamento de seu cliente e sim, em uma atuação libertária, que possa contribuir para que ele (cliente) recrie seu modo de ser no mundo (MELO, 2015).

Além disso, os psicoterapeutas que atuam em uma abordagem fundamentada por essas bases filosóficas, adotam, como principal método, o fenomenológico, pois a Fenomenologia além de uma epistemologia e uma filosofia, é também um método. A Fenomenologia, enquanto método, preocupa-se mais com a investigação que propriamente com o teor filosófico (FUKUMITSU, 2013).

Nessa perspectiva, o terapeuta e ou/pesquisador deve evitar a crença de que o objeto/fenômeno entra passivamente na consciência, adotando uma atitude perceptiva a fim de promover a reflexão e mostrar que a consciência é uma atividade constituída por atos, tais como percepção, lembrança, imaginação, simbolização, dentre outros (FUKUMITSU, 2013).

A experiência na clínica-escola, para os psicoterapeutas iniciantes, configura um importante espaço para a constatação de que o processo de se tornar psicoterapeuta é uma construção que demanda diversos desafios e responsabilidades haja vista que o exercício da psicoterapia envolve uma qualidade de presença do psicoterapeuta que exige um árduo e intenso trabalho acerca de si mesmo do qual derivam inúmeras e contínuas transformações de grande complexidade e abrangência (CARDELLA, 2017).

De outro modo, a clínica-escola, para o psicoterapeuta iniciante, representa o espaço de contato não somente com as próprias demandas que derivam da prática clínica (supervisões, atendimentos, acolhimentos, horas de estudo, triagens, organização de prontuários, dentre outras), mas também com questões relacionadas às suas próprias expectativas como o receio de não saber lidar com o silêncio do cliente durante os atendimentos, a preocupação com a importância da suspensão de seus *a priori*s no *setting* terapêutico, o medo de não ser validado pelos clientes, as dúvidas quanto ao emprego correto das técnicas e experimentos de sua abordagem, a busca de um “modelo ideal” de psicoterapeuta, dentre outras.

A clínica-escola, portanto, nessa perspectiva, configura o meio ou campo onde os acontecimentos se configuram, onde as relações são construídas com o cliente, com o supervisor e os demais alunos e pessoas que delineiam sua formação clínica. Em psicoterapia, visualiza-se esse campo como sendo aquilo que está no *setting* ou o meio geográfico onde o cliente está e ainda o campo do psicoterapeuta (SILVA; ALENCAR, 2011). Contudo, o conceito de campo não se restringe à ideia de espaço geográfico, como propõe a Teoria de Campo de Kurt Lewin, mas a uma

compreensão sobre como o sentido das ações de uma pessoa é algo que coaduna à relação dela com o meio. Conforme essa teoria, “meio ou campo referem-se a “quando” e “onde” algo pode produzir uma diferença na percepção da pessoa” (RODRIGUES, 2013, p. 115).

Nesse sentido, é fundamental que o psicoterapeuta iniciante enxergue esse espaço clínico para além de uma perspectiva de lugar físico, reconhecendo-o, sobretudo, como um “lugar” de trocas, de falas, de escuta, de cumplicidade, de responsabilidades, de vínculos e aceitações. Um espaço prioritariamente de relação o qual demanda do terapeuta, dentre outros recursos, postura empática, aceitação desprovida de julgamentos, autenticidade, autoconfiança, flexibilidade, compreensão, comprometimento, tolerância e interesse.

Este trabalho, que buscou na visão de mundo e de pessoa da Gestalt-terapia, a qual concebe o ser humano como uma totalidade, em constante processo de crescimento e desenvolvimento (FRAZÃO, 2015), nasceu, além da importante relação dos pesquisadores com essa abordagem, também da vivência destes enquanto estagiários na clínica-escola da Faculdade Luciano Feijão (FLF), um espaço que oportuniza aos estudantes do curso de graduação em Psicologia daquela instituição, o contato com o exercício da psicoterapia sob a regência de um importante trabalho de supervisão.

Assim, a problematização da pesquisa pauta-se na seguinte questão norteadora: Como se dá a vivência e a formação do psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante no contexto da clínica-escola?

A partir deste trabalho, busca-se contribuir para que os psicoterapeutas iniciantes, encontrem mais referenciais e suporte à condução de sua prática inicial no contexto da psicoterapia, além de fomentar novas pesquisas acerca dessa temática.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, elaborada na ocasião do Estágio Supervisionado Específico em Psicoterapia – Fenomenologia e Humanismo II.

A pesquisa qualitativa é uma modalidade de pesquisa que se preocupa com os problemas sociais, valoriza a subjetividade dos sujeitos, combina várias técnicas de

coleta e de análise de dados e está aberta ao mundo da experiência, a cultura e ao vivido (ANADÓN apud LEITE; SILVA; MARTINS, 2017).

O relato de experiência refere-se a uma construção teórico-prática que se propõe ao refinamento de saberes sobre a experiência em si, a partir do olhar do sujeito-pesquisador em um determinado contexto (social, cultural e histórico) sem a pretensão de se constituir como uma obra-fechada ou conjuradora de verdades, desdobrando-se na busca de saberes inovadores (DALTRO; FARIA, 2019).

A pesquisa teve como cenário a clínica-escola, que faz parte do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade Luciano Feijão (FLF), um espaço de estágio suplementar do Curso de Psicologia com características específicas que o diferencia do ambiente acadêmico das aulas e oferta atendimentos psicológicos à população que não pode pagar por esse tipo de serviço.

A coleta de dados se deu mediante à experiência dos pesquisadores enquanto estagiários, na clínica-escola, durante o período de um ano (dois semestres letivos). Como recurso de análise de dados optou-se pelo método da análise de conteúdos (BADIN, 1979) que consiste em uma técnica que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador ao longo do processo (SILVA; FOSSÁ, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Estágio Supervisionado Específico em Psicoterapia - Fenomenologia e Humanismo, da Faculdade Luciano Feijão (FLF), configura um espaço onde os estudantes daquela instituição vivenciam, de maneira concreta, o entrelaçamento entre teoria e prática no curso de Psicologia, sendo a clínica-escola esse espaço que oportuniza, aos estagiários, o contato e experiência, propriamente ditos, com as demandas do contexto psicoterapêutico.

Com duração de 1 ano (2 semestres letivos) e carga horária de 80 ou 160 horas, o Estágio Supervisionado Específico em Psicoterapia exige que o estagiário cumpra uma quantidade mínima de horas semanais de acolhimento/triagem, atendimento, estudo teórico e supervisão, sendo uma hora mínima semanal para cada uma dessas atividades para os que optam por um estágio clínico de 80h e duas horas de cada atividade para aqueles que escolhem um estágio em clínica com carga horária de 160h.

É a partir das vivências na clínica-escola, no âmbito do Estágio Supervisionado, que os estagiários de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF) experienciam a atmosfera do campo da psicoterapia na sua concretude o que inclui realizar atividades como acolhimento, triagens, análise e atualização de prontuários, participar de supervisão semanal e, é claro, fazer atendimento clínico (psicoterapia).

Fora ali, naquele ambiente, que experienciamos as primeiras sensações que derivam da angústia diante dos primeiros atendimentos, do receio do que se deve ou não falar para os clientes e até do medo de não sermos “aceitos” por eles. Foi naquele espaço, também, que nos oportunizamos entrar em contato com outros estagiários que, a exemplo de nós, vivenciavam os dilemas e os anseios que demandam dessa importante experiência. E foi, muitas vezes, justamente uns nos outros, que encontramos esse primeiro amparo nesse campo de desafios e possibilidades. Campo, aqui, é considerado um espaço vital, o que implica na compreensão fenomenológica de espaço e não na percepção do espaço físico (RIBEIRO, 1999).

Falamos de campo por reconhecermos esse lugar, clínica-escola, primeiro como um espaço de relação e também por se configurar como um todo que afeta e deixa-se ser afetado. Do ponto de vista da Gestalt-terapia, compreende-se que tudo que acontece no campo tem um sentido que precisa ser compreendido a partir da relação organismo/meio. Logo, o campo se constitui do meio psicológico, do meio não-psicológico e do espaço vital e que estas partes se comunicam formando um todo (RIBEIRO, 1985). Por espaço vital, pode-se compreender a totalidade de fatos que determinam o comportamento do indivíduo em dado momento, incluindo a pessoa e o meio, o que representa a totalidade de eventos possíveis (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2016).

Dito de outro modo, acredita-se que é no campo que a energia vital do ser humano circula para satisfazer suas necessidades, diminuir tensões, reestruturar seu espaço vital (SILVA, ALENCAR, 2011).

Com efeito, foi a partir desse campo, enquanto espaço vital, que pudemos confirmar a importância do entrelaçamento entre teoria e prática para nossa formação enquanto psicoterapeutas iniciantes. A partir de nossas vivências na clínica-escola confirmamos que, diferente do que muitas vezes deduzimos, teoria e prática não se dão em momentos distintos, ao contrário, são indissociáveis. Diante de cada atendimento realizado, tivemos a oportunidade de reconhecer que, no momento em que direcionamos nosso fazer (prática), estamos, ao mesmo tempo, recorrendo aos fundamentos teóricos de nossa abordagem de uma forma vivencial e

na relação. Nesse sentido, “a construção do conhecimento em Psicologia nos permite compreender o psicólogo e, sobretudo, o psicoterapeuta, como profissional do encontro” (CARDELLA, 2017, p. 84).

A clínica, em Gestalt-terapia, que é constituída pelo entrelaçamento e indissociabilidade entre teoria e prática, consideradas pedras angulares para a formação do psicoterapeuta iniciante (MING-WAU et al., 2019), acredita que a psicoterapia tem como pressuposto ser um momento de arte, técnica e ciência, de modo a garantir que o processo de mudança seja consistente e tenha continuidade (RIBEIRO, 2007).

Nossas vivências, na clínica-escola, revelaram a importância da necessidade de nos atualizarmos frequentemente acerca dos conhecimentos que, em tese, já teriam sido consolidados no decorrer da graduação. Dessa forma, reconhecemos que o processo de se tornar um psicoterapeuta, além de demandar de nós um variado e vasto repertório de conhecimentos, também exige que este seja constantemente atualizado.

Contudo, ressalta-se, que não só nossos conhecimentos teóricos precisam de frequente atualização, mas também nosso próprio repertório de cuidado acerca de nós mesmos, pois o exercício da psicoterapia requer, dentre outros recursos, que estejamos plenamente implicados na relação com nosso cliente e isso demanda uma atenção considerável às necessidades relacionadas ao nosso autocuidado.

Essa perspectiva vai bem de encontro ao que aborda a Gestalt-terapia ao defender que a pessoa é concebida como um processo permanente de autodefinição, um ser em constante construção. Ou de outro modo, a pessoa se configura como aquilo que está sendo, permanentemente responsável por seu cuidar-se e modificar-se (PERES; HOLANDA, 2004).

Corroborando com o exposto, Figueiredo (apud CARDELLA, 2017) defende que o saber psicológico é constituído a partir do conhecimento explícito e tácito, sendo o primeiro o conhecimento representacional ou teórico e, o segundo, aquele transmitido de maneira sistematizada e ordenada.

Para a Gestalt-terapia só pode haver aprendizado na atualização do conhecimento explícito, ou seja, quando a tradição está impregnada pela experiência singular do aprendiz que também impregna e transforma. O saber é encarnado e, portanto, atualizado. Torna-se conhecimento tácito (CARDELLA, 2017, p. 85).

Segundo Cardella (2017) o conhecimento tácito configura o saber de ofício que possibilita ao psicoterapeuta confrontar-se com a alteridade, ou seja,

caracterizar-se essencialmente como profissional do encontro. Para a autora, essa característica pode ser atribuída especialmente ao Gestalt-terapeuta, ao alicerçar seu trabalho na atitude fenomenológica-existencial e conceber, portanto, o conhecimento construído na intersubjetividade ao valorizar, nesse sentido, a relação como caminho de aprendizado e crescimento.

Essa necessidade de valorização do encontro com a alteridade mostrou-se ainda mais significativa quando, diante da Pandemia de Covid-19, ocasionada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), tivemos que experienciar os desafios do estágio supervisionado em um contexto remoto que, embora necessário, não representou uma transição fácil, pois o campo agora assumia outra configuração e com ela a necessidade de nos ajustarmos criativamente para aquele novo momento e contexto de encontro.

Em Gestalt-terapia, definimos como ajustamento criativo a capacidade humana de ajustar-se à vida levando em conta nossas potencialidades e os recursos possibilitados pelas circunstâncias. Ou seja, “ajustar-se criativamente implica imprimir sua marca nos acontecimentos da vida, “personalizando-a”, tornando-a *própria*, atualizando as potencialidades singulares, presentificando-as na interação com o mundo” (CARDELLA, 2017, p. 113).

Na tentativa de nos ajustarmos criativamente a esse novo e importante contexto (estágio remoto) foi preciso sobretudo olhar para nossas experiências, para o que estava acontecendo dentro e em torno de nós (ansiedade, curiosidade, medo do desconhecido, incertezas, angústia...). Foi preciso investir fortemente no nosso autossuporte (nossos próprios recursos) e heterossuporte (aqui, nos referimos principalmente ao trabalho de supervisão, dispensado pelo curso) considerados suportes que se comunicam pela vida toda (ANDRADE, 2014).

Cabe salientar, que essa forma de nos ajustamentos criativamente diante das circunstâncias reinantes no meio, compreende um dos mais importantes fundamentos da Gestalt-terapia a saber, o conceito de autorregulação orgânica segundo o qual, o organismo buscará o melhor que pode para se regular dados simultaneamente suas capacidades e os recursos do ambiente (LATNER, apud FRAZÃO, 2015).

Durante a vivência do estágio supervisionado em caráter remoto, nossa forma de fazer contato foi se ajustando, se moldando no sentido de nos permitir vivenciar de maneira consciente o que o campo ia nos apresentando como fenômeno no aqui e agora. A concepção de “aqui e agora”, em Gestalt-terapia, contém e explica a relação do sujeito com a realidade, dispensando a necessidade de recorrer à

experiência passada por compreender que esta também está contida no presente (RIBEIRO, 1985), ou seja, de acordo com a perspectiva gestáltica, é o presente que explica o passado, e não o contrário (PERES; HOLANDA, 2004).

Nesse sentido, fomos aprendendo a compreender, enquanto corpo, novos meios de interagir e lidar com cada experiência, pois enquanto corpo, estamos em plena interação com o meio e, esta, se dá através das funções de contato. “Somos o que ouvimos, vemos, cheiramos, comemos e tocamos” (RIBEIRO, 2006, p. 88).

A Gestalt-terapia compreende o corpo como uma expressão do todo e a visão do homem como totalidade (REICH, apud FUKUMITSU, 2002). “Isso significa que o corpo não é uma coisa material, de natureza inanimada, ou associada a uma consciência separada de uma vida sensível” (CARMINHA, 2019, p. 31). O corpo, aqui, refere-se a um corpo dinâmico em constante interação com o mundo. Um corpo próprio, como concebe Merleau-Ponty (CARMINHA, 2019).

À luz de nossas vivências, enquanto corpo próprio, ou seja, estagiários na clínica-escola, aprendemos a reconhecer que o processo de se tornar um psicoterapeuta, que é sempre contínuo, advém sobretudo das experiências que se dão a partir da relação, do contato com o outro. Uma relação que demanda do psicoterapeuta, dentre outros aspectos, humildade, escuta qualificada, presentificação, autenticidade, necessidade de colocar entre parêntese nossos pré-julgamentos e pré-conceitos acerca das demandas do outro, responsabilidade, respeito, empatia, ética.

Contudo, isso somente é possível a partir do contato onde o sujeito identifica suas necessidades, reconhecendo e distinguindo o que é seu, o que é do outro, o que é do mundo, ampliando, assim, sua fronteira de contato, compreendida como o *locus* do contato, onde organismo e ambiente interagem (SALOMÃO, FRAZÃO, FUKUMITSU, 2014). Ou, seja, a fronteira é aquilo que delimita, diferencia e protege. “Cada um tem uma fronteira e é nela que a qualidade do contato ocorre, que os limites são estabelecidos e as diferenças e semelhanças são experienciadas” (FUKUMITSU, 2012, p. 71).

Nesse contexto, não configura qualquer exagero admitirmos que, para nós, psicoterapeutas iniciantes, fora a própria dimensão do encontro terapeuta-cliente, ou seja, o encontro com a alteridade, nosso maior anseio e nosso maior receio quando iniciamos nossos primeiros passos na clínica. Anseio porque quando vislumbramos a atuação em psicologia clínica, imaginamos, primeiramente, o estar frente ao cliente; o *setting* terapêutico; a chance de aplicarmos finalmente os métodos e técnicas de nossa abordagem, dentre outros. Receio porque, ao mesmo

tempo, tememos como se dará essa relação, principalmente no que se refere a como os clientes irão ou não nos validar.

Sobre o exposto, Zaro et al. (apud MENDES; GRESSLER; FREITAS, 2012) salientam que as expectativas do psicoterapeuta iniciante, quando começa os atendimentos psicoterapêuticos, influenciam bastante a maneira como ele compreende as vivências de seus clientes e suas próprias. Ou seja, há algo ali que é anterior ao próprio processo da psicoterapia: as próprias questões do psicoterapeuta iniciante.

Durante nossas vivências na clínica-escola nos deparamos com um misto de sentimentos que se apresentavam não só antes, mas também durante e após cada atendimento. Sentimentos esses que iam desde uma leve ansiedade a uma intensa angústia. Angústia por se acreditar que precisávamos “dar conta” de todas as demandas dos clientes, por talvez não estarmos “fazendo direito” o emprego dos métodos e técnicas da abordagem que escolhemos e por não se saber se estávamos ou não sendo “validados” ou “aprovados” por nossos clientes.

Nessa perspectiva Peres e Holanda (2004) abordam que a noção de “angústia” permeia as teorias e práticas psicológicas, especialmente no que tange ao seu *locus* de atuação clínica. Nesse sentido, conviver com a angústia constitui-se em uma das tarefas mais difíceis na vida de um sujeito, incluindo aqui, o psicoterapeuta iniciante que, no contexto clínico, além de lidar com suas próprias angústias precisa compreender que é, possivelmente, através da improficuidade de sua angústia que o cliente chega à psicoterapia (PERES, HOLANDA, 2004).

Portanto, é importante estar atento ao que emerge na relação, pois a clínica psicoterápica é uma arte construída a cada encontro e seus fundamentos associados a fatores como a relação de ajuda e o encontro entre psicoterapeuta e cliente, provocando tessituras que vão do caos à sinfonia harmoniosa de uma existência *awareness* consigo e com o mundo (MING-WAU et al., 2019).

Segundo Peres e Holanda (2004) a experiência de estar *awer* torna possível que o sujeito aprenda um modo mais saudável de estar/atuar no mundo pelo fato dessa tomada de consciência devolver ao indivíduo o poder e a responsabilidade sobre a própria existência. Logo, a atuação do psicoterapeuta implica ajudar seu cliente na busca de ampliação de sua consciência e o desenvolvimento de sua *awereness*, numa postura mais ativa, mas não diretiva, de facilitador de um processo e não de solucionador de problemas (YONTEF, apud PERES; HOLANDA, 2004).

Foi a partir dessa compreensão de que o essencial em psicoterapia é o que emerge a partir da relação que fomos, ao longo do percurso de estágio, amparados

pelo processo de supervisão clínica, aprendendo a nos voltar para o que realmente interessava no fazer clínico que, em Gestalt-terapia, se baseia na consideração do fenômeno como aquilo que se apresenta e é tomado como ponto de partida para o processo terapêutico, ou seja, a figura que emerge no fundo da vida do cliente, indo ao encontro da totalidade da existência (ALMEIDA, 2010).

Contudo, em muitos momentos, para de fato nos mantermos atentos aos fenômenos emergentes do processo terapêutico, foi preciso vivenciar o desafio de colocar em suspensão nossos julgamentos e pré-conceitos, ou melhor, nossos *a priori* em torno dos conteúdos apresentados por nossos clientes durante os atendimentos. Foram em momentos como esses que pudemos nos dar conta do quanto também somos afetados por essa relação e do quanto, apesar dessa afetação, é importante irmos ao encontro do cliente e, ao mesmo tempo, reconhecer que precisamos retornar para nosso lugar, o de terapeutas, evitando qualquer forma de julgamento *a priori* que possa impedir de apreendermos os fenômenos como eles se apresentam.

Sobre o exposto, Rehfeld (2013) menciona que se formos olhar para nosso cliente do prisma de um *pré-conceito*, de uma *pré-reflexão* ou de uma *pré-definição*, não o enxergaremos em sua particularidade nem em sua complexidade, mas somente da perspectiva daquilo que já *pré-vimos*. Sobre isso, o autor acrescenta:

E como podemos escapar dessas definições? Colocando-as em questões, não aceitando o *pré-dado*, por mais óbvio que pareça. Aos questioná-las, imediatamente são postos em suspensão o senso comum, as estruturas prévias de interpretação e a tradição sedimentada” (REHFELD, 2013, p. 30).

Essa compreensão mostrou-se importante não apenas para reconhecermos nosso real “lugar” no âmbito da relação terapêutica, mas especialmente para compreendermos que é a partir da própria relação ou do modo como essa relação é conduzida no *setting* terapêutico que reside o grande sentido da psicoterapia. Por isso,

Fazer terapia é uma aventura tanto para o cliente quanto para o psicoterapeuta. Significa no caso do primeiro, dispor-se a defrontar com os aspectos de si que não conhece bem ou teme, correr o risco de aceitar e promover mudanças às vezes muito doloridas na própria vida, ter de se desacomodar de anacrônicas e aparentemente confortáveis posições já conhecidas, em geral conquistadas depois de muita luta. Fazer terapia significa abrir-se para se conhecer e até atingir o ponto de abrir-se para se

conhecer até o ponto de abrir-se com curiosidade para desconhecer-se com confiança (BRITO, 2015, p. 13).

Daí a importância de uma relação pautada na confiança, respeito, ética, cumplicidade. A relação terapêutica, em Gestalt-terapia, é compreendida como intersubjetividade, é o lugar da ética: morada, solidariedade, ternura, cuidado, encontro; solo fértil onde o cliente pode enraizar-se, acontecer em sua singularidade, atualizar suas potencialidades (CARDELLA, 2014). Desse modo, o ofício terapêutico demanda pedir licença para ‘entrar’ pela porta que o cliente indica ser a de entrada (FUKUMITSU, 2012).

Sob a ótica da Gestalt-terapia, o psicoterapeuta não tem como objetivo destrinchar a dor do seu cliente, ao contrário, põe ênfase na sua liberdade para escolher seu destino, acreditando nos aspectos prazerosos da vida (GALLI, 2009). Dessa forma, é o próprio cliente que assume as “rédeas” da sua existência, assumindo a responsabilidade por suas escolhas e, conseqüentemente, por seu processo de mudança.

Além dessa importante compreensão, nosso percurso, enquanto psicoterapeutas iniciantes, diante dos muitos desafios oriundos do contexto da clínica-escola, encontrou no trabalho dispensado pela supervisão clínica, suporte não só para lidarmos melhor com as demandas trazidas por nossos clientes, mas possibilidades para lidarmos com nossas próprias questões.

Foi no âmbito da supervisão, a partir, principalmente, do método de versão de sentido, concebido como um relato escrito logo após o atendimento, com a finalidade de discorrer o acontecimento de forma livre e objetiva (AMATUZZI, 2008), que encontramos espaço para falar, de forma livre, não somente sobre as demandas em si derivadas dos atendimentos, mas também sobre como nos sentíamos após cada sessão. Foi no espaço da supervisão que encontramos suporte, apoio, orientação, acolhimento.

Segundo Távora (2002) supervisionar um processo de psicoterapia tem como objetivo transmitir ensinamentos básicos, mas, principalmente, fazer com que cada estagiário olhe para dentro de si, para a relação que estabelece com seu cliente e para o vínculo que desenvolve com seu supervisor.

A natureza do vínculo estabelecido entre estagiários e supervisor é muito importante para a experiência de olhar para dentro de nós no sentido de enxergar os recursos que dispomos e precisamos desenvolver para o estabelecimento de uma relação de crescimento e amadurecimento junto aos nossos clientes. Nesse sentido, o trabalho de supervisão implica também deixar que os estagiários ensinem ao

supervisor a arte de ser paciente, de acreditar sem ver resultados imediatos e de abster-se de induzi-los a um modelo de terapeuta já pronto (TÁVORA, 2002).

Com efeito, a atuação do psicoterapeuta iniciante, no contexto da clínica-escola, ao possibilitá-lo o contato com um importante trabalho de supervisão, mostra-se como uma alternativa bastante relevante para um início mais sólido de sua longa jornada enquanto profissional da psicologia, pois embora esse tipo de suporte configure algo que deve ser bastante requisitado no decorrer de sua prática, nem todos os psicoterapeutas recém formados dispõem de recursos para investir nesse tipo de serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do psicoterapeuta iniciante não se encerra ao final do curso de graduação ou de qualquer outro tipo de exercício formativo que a sucede, pois trata-se de um processo e, por sê-lo, é sempre contínuo.

O percurso, ao longo do Estágio Supervisionado em Psicoterapia, na clínica-escola, nos possibilitou o contato concreto com muitos dos desafios que demandam da atuação do psicólogo no âmbito clínico, o qual envolve uma qualidade de presença que exige do psicoterapeuta iniciante um árduo e intenso trabalho acerca de si que requer, dentre outros atributos, autenticidade, responsabilidade, confiança, empatia, aceitação, autoconfiança, flexibilidade, compreensão, comprometimento, postura ética.

Nossas vivências confirmaram que teoria e prática, no âmbito da psicoterapia, são indissociáveis e, portanto, configuram, sob a ótica da Gestalt-terapia, pedras angulares para a formação do psicoterapeuta iniciante. Sendo, especialmente o investimento em torno do conhecimento construído na intersubjetividade, ou seja, o conhecimento tácito, aquele que melhor conduz o terapeuta para um caminho de aprendizado e crescimento por pautar-se na relação, no encontro.

Outro fator importante observado a partir das nossas vivências na clínica-escola refere-se à dimensão do trabalho de supervisão clínica, o qual mostrou-se como um dos suportes indispensáveis para o trilhar dos primeiros passos do psicoterapeuta iniciante no que tange ao seu contínuo processo de formação.

De forma particular, reconhecemos o quanto essa experiência agregou não só ao nosso fazer profissional, mas principalmente ao nosso fazer-se como pessoa

humana, pois durante essa trajetória não somente conhecimentos teóricos foram agregados à nossa experiência, mas principalmente conhecimentos oriundos das próprias vivências e experiências de nossos clientes, supervisores, alunos e outras pessoas que delineiam nossa formação clínica, sempre recheados de histórias de lutas, conquistas, angústias, dores, superações. Afinal, o que é a psicoterapia senão um “lugar” de encontro?

TRAINING OF BEGINNING PSYCHOTHERAPIST IN THE CLINIC-SCHOOL CONTEXT: AN EXPERIENCE REPORT

Abstract: This study consists of an experience report that aimed to understand, from the perspective of Gestalt-therapy, the experience and training of the novice psychotherapist in the context of the school clinic. In addition to confirming that psychotherapy is a process that is sustained above all in the light of the quality of the relationship developed between therapist and client, the research revealed the importance, for the novice psychotherapist, of the need to welcome the client in its entirety; the relevance of the intertwining and inseparability between theory and practice as cornerstones for their training and the importance of supervisory work during the course at the school clinic.

Keywords: *Beginning psychotherapist. School clinic. Gestalt therapy. Training. Supervision.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. T. “Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente”. In **Revista da Abordagem Gestáltica**, 16(2), 217-221, 2010.

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. 2.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

ANDRADE, C. C. “Autossuporte e heterossuporte”. In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 147-162.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 1979.

BRITO, E. P. “A primeira entrevista”. In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: a clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 11-29.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica**. 3.ed. São Paulo-SP: Summus, 2017.

_____. “Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades”. In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 104-130.

CARMINHA, I. O. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: “Uma narrativa científica na pós-modernidade”. In **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29726>>. Acesso em: 22/03/2021.

FRAZÃO, L. M. “Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico e processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais”. In **Gestalt-terapia: a clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 83-102.

FUKUMITSU, K. O. “O método fenomenológico em pesquisa gestáltica”. In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 34-58.

_____. **Suicídio e Gestalt-terapia**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012

GALLI, L. M. P. “Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-terapia”. In **Estudos e pesquisas em psicologia**, 9(1), p. 59-17, 2009.

LEITE, M. C. S. R.; SILVA, A. J. P. MARTINS, E. S. “Pesquisa qualitativa em teses de doutorado: uma análise do triênio 2013-2015”. In **Revista Expressão Católica**; v. 6, n. 1; jan. – jun., 2017.

MELO, R. S. As Contribuições Humanistas, Fenomenológicas e Existenciais à Prática da Psicoterapia. [online]. **Psicologado**, 2015. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/as-contribuicoes-humanistas-fenomenologicas-e-existenciais-a-pratica-da-psicoterapia>>. Acesso em: 20/09/2020.

MENDES, J. P. S.; GRESSLER, S. K. A. B.; FREITAS, S. M. P. “Ser psicoterapeuta: reflexões existenciais sobre vivências de estagiários-terapeutas iniciantes”. In **Rev. abordagem gestalt.** Goiânia, v. 18, n. 2, p. 136-143, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672012000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22/10/2021.

MING-WAU, C.; GONÇALVES, Y. N.; LIMA, D. M. A.; MEDEIROS, M. D. “A clínica gestáltica sob a ótica do psicoterapeuta iniciante”. In **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** Belém, 11(1), 22-38, jan. – abr., 2019.

MÜLLER -GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER -GRANZOTTO, R. L. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. 3.ed. São Paulo: Summus, 2016.

PERES, M. B.; HOLANDA, A. F. **A noção de angústia na prática clínica**: aproximações entre o pensamento de Kierkegaard e a Gestalt-terapia. 2004. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v3n2/artigos/artigo6V3N2.html>>. Acesso em: 08/10/2020.

REHFELD, A. "Fenomenologia e Gestalt-terapia". In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013, p. 24-33.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Gestalt-Terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo-SP: Summus, 2007

_____. **Vade mecum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006

RODRIGUES, H. E. "Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia". In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013, p. 114-144.

SALOMÃO, S.; FRAZÃO, L. M., FUKUMITSU, K. O. "Fronteira de contato". In FRAZÃO, L. M., FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: fundamentos e práticas. São Paulo: Summus, 2014, p. 47-62.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. "Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos". In **Qualit@S Revista Eletrônica** ISSN 1677 4280 v.17. n.1, 2015.

SILVA, M. L. C.; ALENCAR, S. O. "Gestalt-terapia e corpo: uma revisão literária". In **Revista IGT na Rede**, v.8 n.15, 2011, 335-368.

TÁVORA, M. T. "Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC". In **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 121-130, jan.-jun. 2002.

Recebido em 30/03/2021. Aprovado em 21/11/2022.